

## OPINIÃO

## A próxima década da indústria brasileira

Fabiano Lourenço (\*)

O início do último trimestre do ano geralmente é o período para as avaliações de desempenho e planos para o futuro

Tempo de tentar projetar o que virá nos próximos ciclos, o que nunca é tarefa fácil. No âmbito pessoal, muitas pessoas recorrem a estudos científicos e pesquisas para conseguir algum tipo de controle a respeito do que está por vir. No mundo corporativo, isso não é diferente, instituições renomadas e especialistas são responsáveis por fornecer alguma ideia do ambiente que deve ser encontrado nos próximos anos.

É desnecessário dizer que o Brasil reserva muitas surpresas e, frequentemente, desafia até mesmo as mentes mais brilhantes a entender em que o crescimento do país estará embasado durante os próximos anos. De acordo com o que é possível avaliar no setor industrial, há razões para acreditar em uma retomada de médio e longo prazo. Para ter uma ideia, estudos recentes da CNI indicam que o PIB do setor deve ter uma expansão de 0,4% este ano, resultado praticamente estagnado, embora já fora da recessão.

Apesar da distância visível em relação aos índices expressivos de crescimento de países como a China e outros emergentes, é necessário investir desde já para capturar o potencial que o mercado brasileiro deve apresentar nos próximos anos. E, no cenário atual – em que mesmo os juros baixos estão longe de representar abundância de crédito – investimento demanda conhecimento aplicado do que realmente pode diferenciar companhias líderes de mercado das demais.

Nesse sentido, apesar das surpresas que o futuro reserva, dois pontos merecem ser destacados como alvos certos de investimento nos próximos dez anos, a tecnologia e a educação. Hoje, o setor industrial brasileiro ainda não atingiu a maturidade no uso de soluções de maior valor agregado para aumentar a produtividade e atingir outros benefícios, como maior acesso à informação e à segurança das fábricas e processos.

A preocupação para tornar isso realidade existe. Uma pesquisa recente da KPMG mostra que estabelecer padrões de manufatura 4.0 é a prioridade de 42,6% dos executivos do setor no Brasil. Isso significa que os empresários estão em sua quase maioria preocupa-

dos com o estabelecimento de tecnologias de automação que agreguem rapidez, segurança, menores custos e mais produtividade, trazendo melhores resultados.

Avaliar todas as etapas do processo produtivo para identificar erros, corrigi-los rapidamente e não repetir mais são etapas presentes em grandes companhias há pelo menos oito anos atrás. Contudo, a adoção de investimentos em automação por fábricas de menor porte segue em atraso, este principalmente relacionado ao contexto macroeconômico do país.

Outro ponto fundamental relacionado ao investimento em tecnologia está na formação dos profissionais. Para efeito de comparação, os profissionais de países desenvolvidos já estudam há trinta anos como a automação é essencial para um país avançar em riquezas, produtividade, qualidade e boa imagem dos produtos produzidos em seus países.

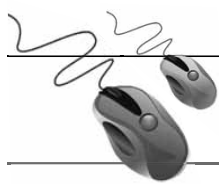
Aqui, profissionais responsáveis por projetar, programar, instalar e manter as tecnologias de automação, em grande parte ainda não passaram pelo estudo desse tipo de recurso e de seu altíssimo impacto no processo produtivo. Esse é um fator que certamente colabora para a resistência em mensurar o retorno do investimento que as tecnologias certamente proporcionam. Esses são alguns dos principais desafios enfrentados pelo setor industrial atualmente.

E, apesar do difícil caminho que sugerem rumo à retomada econômica, é importante lembrar que as condições necessárias para que sejam superados já estão presentes em território nacional. Ainda que o efeito prático dessas estratégias possa ser sentido daqui a algum tempo, é necessário investir desde já. Afinal, o Brasil necessita de confiança. E confiança é construída aos poucos, com ambiente estável para investimentos, infraestrutura para logística e acesso a bons profissionais.

Passo a passo, será possível concretizar investimentos e tornar o ambiente econômico – e, claro, industrial – cada vez mais competitivo.

O Brasil tem um dos maiores potenciais do mundo em crescer e demandar tecnologias de automação. Para saber os resultados que o futuro reserva, é necessário começar a agir agora e com o pensamento dos próximos 10 anos. Estar preparado não é uma opção e sim uma necessidade.

(\*) - É vice-presidente da Mitsubishi Electric do Brasil.



## Ciência e Tecnologia

ricardosouza@netjen.com.br

## Feedback gera engajamento. Engajamento dá lucro. E os millenials nisso?

De onde vem os tais feedbacks? Vem da junção das palavras de origem inglesa: “feed” e “back”. Ao pé da letra, poderia ser traduzido para algo como “Retroalimentação” ou “Retroação”. Feedback é o processo pelo qual uma pessoa ajuda outra a se desenvolver por meio de suas próprias percepções (sejam positivas ou negativas). Idealmente, parte-se sempre da premissa de que a intenção do emissor é, genuinamente, o interesse no desenvolvimento do receptor.

Francisco S. Homem de Melo (\*)

Um estudo da Gallup conecta a existência de feedback com o desenvolvimento dos colaboradores. Foi apontado que 44% dos millenials que possuem uma reunião frequente com seus líderes, dizem ter engajamento. Já de acordo com o Panorama de RH no Brasil de 2018, 78% das pessoas entrevistadas acreditam que ele ajuda no desenvolvimento profissional. Eles, os feedbacks, definitivamente, é uma ferramenta de gestão e fazem bem para a carreira.

No livro “Thanks for the feedback: the Science and Art of Receiving Feedback Well”, Douglas Stone e Sheila Heen expõem os resultados de uma extensa pesquisa onde mostram que profissionais que buscam feedbacks com frequência, especialmente os construtivos, são percebidos como mais competentes, se estabelecem em novos papéis mais rapidamente e possuem desempenho maior do que a média.

Até 2025, os famosos millenials, nascidos entre 1980 a 2000, irão representar, aproximadamente, 75% da força de trabalho mundial. Goste ou não, esta é uma realidade que não tem volta. Sendo assim, é papel fundamental das organizações entender como essa geração trabalha e o que buscam. Dentre suas características, seu espírito empreendedor é a mais marcante. Está relacionada ao fato de que essa geração sonha muito alto e que, em sua maioria, aspiram por cargos de liderança.

Além disso, estão determinados a alcançar tais objetivos, que cada vez mais buscam ferramentas e práticas capazes de ajudá-los a conquistar seus sonhos. Partindo desta premissa, o interesse no outro e de total transparência, os feedbacks entram como a prática capaz de direcionar nossas ações e comportamentos em direção aos nossos sonhos, trazendo inputs de melhorias e reforçando comportamentos positivos. E os millenials não só estão abertos a receber feedbacks como querem o tempo todo. Se você deixar para dar um feedback a eles no fim do ano, acredite: ele provavelmente não estará mais aí para recebê-lo!

Growth Mindset é a escola científica que defende que inteligência, criatividade e habilidades são mutáveis a partir de prática, aprendizado e esforço, ao invés de estáticas e imutáveis. E por este motivo,



IG Economia

esta é a características daquelas pessoas que alcançam níveis superiores de realização pessoal e profissional. Mas isso não é apenas um capricho: uma cultura de crescimento e desenvolvimento dá resultados práticos, pois contribui com senso de urgência, com geração de resultados, e mais importante, com melhoria contínua de processos, práticas e indicadores.

Pensem nas vantagens de receber feedbacks contínuos similares as vantagens de ter um GPS em relação a um Mapa de papel. Ambos te fornecem instruções para chegar ao seu destino. O GPS, entretanto, te direciona no contexto de uma avaliação precisa do local onde você se encontra no momento. Pense em um avião de carreira, com um GPS/Sistema de Navegação, que só mostra a posição do avião de hora em hora. É provável que se este avião não caia, demore muito mais do que o normal para alcançar seu destino.

Claro que, a teoria, não leva em conta a complexidade de tais trocas na prática. O psicólogo Daniel Coleman afirma que “As ameaças a nossa posição aos olhos dos outros são extremamente potentes biologicamente, quase como aquelas ameaças à nossa sobrevivência”. Ou seja, biologicamente falando, não estamos preparados para receber feedbacks, visto que nossos cérebros interpretam estas mensagens como uma ameaça à nossa sobrevivência.

Para finalizar, é evidente que mais feedbacks têm um impacto significativo no resultado da empresa. Acompanhe comigo duas rápidas linhas de raciocínio: quanto mais feedback, menos as pessoas – e a empresa – desviam de sua rota planejada (a estratégia). Assim, menor o gap entre estratégia e execução. Paralelamente, quanto mais feedbacks, mais desenvolvimento, e por consequência, mais rápido acumulamos habilidades e competências.

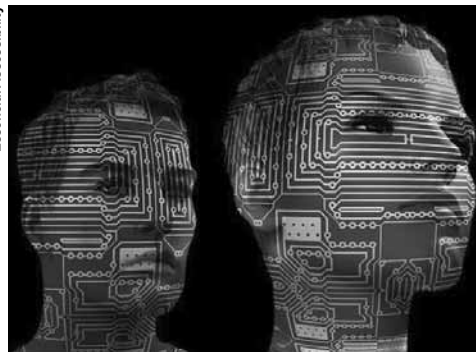
Quanto mais habilidades e competência acumulamos, mais preparados estamos para encarar desafios e superar obstáculos. Quanto mais desafios e obstáculos superamos, mais próximo dos nossos sonhos estamos. Quanto mais próximo dos nossos sonhos, mais motivados estamos. Quanto mais motivados estamos, mais entregamos. E quanto mais entregamos, mais a empresa cresce, consequentemente mais lucro é gerado!

Francisco Homem de Melo é fundador da Culture.Rocks, software de gestão de desempenho. Especialista e estudioso em cultura organizacional. Autor do livro The 3G Way: Dream, People, and Culture, figurando entre os mais vendidos da Amazon em estratégia e negócios. Lança a próxima obra: “OKRs: Da Missão às Métricas”, com o objetivo de ajudar as empresas a implementar uma metodologia de metas direcionada para alcançar resultados.

## 99% dos sites do Brasil apresentam barreiras de navegação para pessoas com deficiência

Em uma ação conjunta com a BigData Corp, o Movimento Web para Todos avaliou qual seria a experiência de navegação na web das pessoas com deficiência no País. E descobriu que, dos 14 milhões de sites brasileiros ativos, menos de 1% passou nos testes de acessibilidade. No caso dos sites governamentais, esse percentual cai para 0,34%. A maioria dos endereços online do País, ou 93,79%, encontra-se em uma zona cinzenta: apresentam falha em algum dos testes realizados, mas pontuou positivamente em outros.

Foram realizados testes em vários elementos das páginas web para verificar algumas das barreiras de navegação que as pessoas com deficiência enfrentam. Por fim, foram contempladas, ainda, questões técnicas, como problemas nos formulários, links, imagens apresentadas e nos frames, como vídeos de canais do YouTube em páginas. Entre as validações realizadas, foram adotadas as aplicadas pelo validador de markup (HTML) automático criado pelo World Wide Web Consortium (W3C), entidade referência de padrões a serem seguidos na web. Este estudo também contou com o apoio técnico do Ceweb.br, Centro de Estudos sobre Tecnologias Web do NIC.br, que tem entre suas atribuições disseminar conhecimento sobre acessibilidade na web.



“Esse resultado reflete o ciclo de invisibilidade de décadas de uma população estimada em 45 milhões de brasileiros que possuem algum tipo de deficiência e que não se sustentam mais. Essas pessoas querem e têm o direito - como qualquer outro cidadão - de se informar, se relacionar, se divertir e comprar online. Temos diversas leis a nosso favor, como a LBI, que em seu artigo 63 obriga organizações com representação no País a terem suas páginas web acessíveis para as pessoas com deficiência”, reforça Simone Freire, idealizadora do Movimento Web para Todos.

Ela acrescenta que, para as empresas, além da adequação jurídica, tornar acessível o seu

site é excelente para os negócios, pois elas passam a ter a chance de interagir com um público consumidor não impactado pelas suas marcas no mundo digital.

## Acessibilidade e tecnologia

“Existe um impacto direto da tecnologia sobre a acessibilidade. À primeira vista, pode parecer um grande desafio vencer esta corrida, principalmente porque os sites são muito visuais. No entanto, é preciso desmistificar a acessibilidade. Existem ferramentas de desenvolvimento para permitir a qualquer site ser mais acessível”, afirma Thoran Rodrigues, presidente e fundador da BigData Corp, responsável pela realização do levantamento.

Segundo Rodrigues, é preciso saber interpretar tecnicamente porque, por exemplo, 52,38% apresentaram problemas de formulários, ou 83,56%, falhas nos links. “Não é porque um site falhou em um teste específico que uma pessoa com deficiência não possa usá-lo. Mas a sua experiência de navegação deixará a desejar”, pondera Rodrigues. Preocupante, mesmo, são os 5,6% dos sites ativos que falharam em todos os testes aos quais foram submetidos.

## News @TI

## Aplicativo gratuito que conecta empresas a profissionais

@ Acesso ilimitado e gratuito a diversas oportunidades de emprego, a qualquer hora, na palma da mão. Essa é a proposta da Luandre, consultoria de RH com 49 anos de expertise no mercado de trabalho, pioneira no lançamento de app que gerencia as vagas disponíveis em todas as suas unidades pelo Brasil. O cenário coloca os aplicativos como grandes aliados na busca por uma recolocação no mercado.

## Inscrições para Elevator Pitch 2019

@ As inscrições para o Elevator Pitch 2019, ativação da Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC) que acontece durante a SP Tech Week, já estão abertas e vão até o dia 8 de novembro. Em parceria com a Prefeitura de São Paulo, SP Negócios e SP Tech Week 2019, a CCBC vai selecionar aproximadamente 50 empresas de todo país para participarem da competição, marcada para 24 de novembro, domingo, no tradicional Edifício Martinelli, localizado no centro da cidade. Lá, o empreendedor fará o real “pitch de elevator” ao subir no topo do prédio acompanhado de investidores e aceleradores canadenses, além de figuras do ambiente de inovação em São Paulo (<http://bit.ly/2JxqfES>).